

A diversidade familiar em contexto educativo

Daniela Ilda Vaz Pinto

Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Coimbra – Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

dani.vaz.pinto@gmail.com

Maria de Fátima Neves

Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Coimbra

fneves@esec.pt

Resumo

A Sociedade está em mudança, provocando alterações na sua base estrutural: a família. As transformações sociais, políticas, económicas e culturais têm conduzido à existência de diversos modelos familiares.

A diversidade familiar está presente nas Escolas e nas salas de aula. A LBSE (1986) refere que a identidade escolar deve “assegurar o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projectos individuais da existência, bem como da consideração e valorização dos diferentes saberes e culturas” (art.º 3, d), p. 3068). Assim, a Escola deve promover atividades e ações que desenvolvam o bem-estar, valorização e autoestima, promovendo o respeito pelo outro e pela sua identidade.

O trabalho realizado abordou a relação Escola/Família, aprofundando a diversidade familiar em contextos escolares, procurando perceber o que as crianças pensavam das suas famílias. Para tal, desenhou-se um quadro teórico sobre o conceito de família, a evolução e os diversos modelos de famílias. O estudo exigiu, igualmente, uma abordagem teórica sobre o desenho infantil.

Pretendeu-se identificar o modo como as crianças viam as suas próprias famílias, através de desenhos e de composições escritas. Os dados permitiram caracterizar as famílias, a partir do olhar e das vozes das próprias crianças.

Recomenda-se a promoção de práticas que respeitem a diversidade familiar e a diferença.

Palavras-chave: Famílias; diversidade familiar; desenho infantil; práticas educativas; respeito pela diferença.

Abstract

The society is changing, causing changes in its structural base: the family. Social, political, economic and cultural transformations have led to the existence of several family models.

Family diversity is present in schools and classrooms. The LBSE (1986) states that the school identity must "ensure the right to difference, due to respect for the personalities and individual projects of existence, as well as the consideration and appreciation of different knowledge and cultures" (art.º 3, d), p. 3068). Thus, the school should promote activities and

actions that develop well-being, appreciation and self-esteem, promoting respect for others and their identity.

The study addressed the relationship between the school and the family, deepening the family diversity in school contexts, trying to understand what the children thought of their families. To this end, a theoretical framework was designed on the concept of family, evolution and the various models of families. The study also required a theoretical approach to children's drawing.

It was intended to identify the way children saw their own families, through drawings and written compositions. The data allowed to characterize the families, from the eyes and voices of the children themselves.

It is recommended to promote practices that respect the family diversity and the difference.

Keywords: Families; Family diversity; Children's drawing; Educational practices; Respect for the difference.

1. Introdução

Kamers (2006), citado por Cardoso (2016, p. 21), defende que “[...] Aos poucos, torna-se difícil de identificar um modelo familiar único na nossa sociedade, uma vez que assistimos a tempos de grandes mudanças, derivadas de diversas perspectivas e opiniões, onde se perde, cada vez mais, o significado de famílias “estruturadas e desestruturadas” (Kamers, 2006, p. 114). Esta transformação nas estruturas da família transporta-se para a sala de aula, através das relações entre os diversos elementos constituintes da comunidade educativa, tendo a escola de responder aos novos desafios (Marques, 1993).

Deve, então, a escola não ser apenas detentora de conhecimento, mas também ser um espaço que incentiva o respeito e aceitação da diversidade cultural, através das vivências e interesses, tornando-se numa escola cultural, onde o sucesso educativo só é possível com a

colaboração de todos, emergindo, assim, a necessidade de criar um espaço de inter-relação e socialização.

Sousa e Sarmiento (2010) fazem referência aos diversos modelos familiares presentes na sociedade e com os quais a escola tem de se relacionar. E, nessa mesma linha de relação, as autoras, referem que “a escola não poderá desempenhar verdadeiramente o seu papel se não puder contar com o apoio da família” (p. 148), sendo necessário que haja colaboração criando estratégias para o “desenvolvimento de relações positivas” (p. 147).

O presente artigo realça a diversidade familiar em contextos escolares, partindo de um trabalho elaborado com crianças de Jardim de Infância e do 1.º Ciclo de Ensino Básico, no qual se procurou perceber o que pensavam as crianças das suas próprias famílias e compreender como a Escola aceita a diversidade.

Além da abordagem teórica sobre a evolução do conceito e tipologia de família, considerou-se necessário desenvolver uma abordagem teórica sobre o desenho infantil, baseando-nos nas categorias de Bédard (2005).

Os dados foram obtidos através do desenho das crianças, conversa informal e composição escrita, permitindo caracterizar as famílias, a partir do olhar e das vozes das próprias crianças.

Por fim, enquanto profissional de educação, recomenda-se a promoção de práticas que respeitem a diversidade familiar e a diferença.

2. A Família: a evolução do conceito e a sua diversidade

O conceito Família é polissémico e dinâmico sofrendo evolução ao longo do tempo.

Saraceno (1992) refere que o termo não diz respeito ao número de membros, mas ao vínculo entre os mesmos, quer sejam de afinidade ou parentesco. Afirmam Doron e Parot (2001) que a família é um grupo de indivíduos unidos por laços transgeracionais e interdependentes quanto aos elementos fundamentais da vida.

Giddens (2013) especifica que o termo se caracteriza pelos laços de parentesco e acrescenta que os mais velhos possuem a responsabilidade de cuidar das gerações mais novas.

Gazeneuve e Victoroff (1982) apresentam a família como um grupo social onde a sua forma, estrutura, dimensões e necessidades variam no tempo e no espaço de sociedades e civilizações. Leandro (2001), por sua vez, afirma que não só a definição do conceito, mas a representação de família se foi alterando a par da sociedade, a qual tem evoluído dependendo de fatores políticos, sociais e culturais.

Contudo, independentemente das mudanças, a família sempre se apresentou como elemento base e estruturante da sociedade (Delgado, 2016). Faria (2011) refere que, nos séculos XX e XXI, as famílias começam a ter outras denominações como família nuclear, monoparental, alargada, identificando-se, **deste modo, novos tipos de família.**

Segundo Soares (2014) não é fácil definir o termo família, pois é um termo em mudança e inclui vários indivíduos com elos entre si, ideia reforçada por Gomes-Pedro, Nugent, Young e Brazelton (2005), “a família está a mudar muito rapidamente” (p. 34) coexistindo, deste modo, diversos modelos familiares.

Gimeno (2001), por seu lado, refere que os modelos familiares são próprios de todas as culturas, indicando o “harém muçulmano, a alargada família hindu, a família nuclear europeia, ou a família patriarcal cigana” como modelos diversificados, mas que são respeitados, havendo outros modelos que se tornam de “difícil aceitação”.

Canijo, Bairrada, Rodríguez e Carvalho (2010), médicos de família, têm constatado que as mudanças sociais conduzem à diminuição do número de elementos da família e a novas estruturas, afirmando que “tendencialmente, a unidade de caracterização será o agregado familiar” (p. 13). Assim, referem não apenas os cinco clássicos tipos de família, mas sim “21 tipos de família” (idem, p. 15), sendo estas: Díade nuclear; Família grávida; Família nuclear; Família alargada; Família com prole extensa; Família reconstruída; Família homossexual; Família monoparental; Dança a dois; Família unitária; Família de co-habitação; Família comunitária; Família hospedeira; Família adoptiva; Família consanguínea; Família com dependente; Família com fantasmas; Família acórdeão; Família flutuante; Família descontrolada; Família múltipla, sendo que todos estes tipos de família têm “estrutura e dinâmica” próprias (idem, p. 15). (*Vide Anexo A*).

3. A Família e a Escola

A sociedade do século XXI é uma “sociedade multicultural” (Sousa & Sarmiento, 2010, p. 142) vivenciada em sala de aula. Nesta perspetiva, se a Escola tem como objetivo a

formação da criança, nas competências cognitivas e sociais, salvaguardando e respeitando a diversidade de cada um, torna-se necessário que o lugar de “*escola tradicional*, centrada em si mesma” dê lugar a uma Escola que privilegie o trabalho com os outros agentes educativos, em particular, o trabalho em “parceria com a família” (idem, p. 142).

A Escola e a Família, enquanto parceiros educativos, desempenham papéis igualmente importantes no percurso formativo dos/as aluno/as:

A família, por seu lado, embora invista mais na educação sócio-afectiva, não pode descuidar a formação intelectual. São instituições complementares, convergentes na diversidade de meios e fins. E as duas instituições têm de contar com outras instâncias educativas, como os meios de comunicação social (Oliveira, 2002, p. 167).

Para Sousa e Sarmiento (2010) “o sucesso educativo das crianças e jovens está positivamente relacionado com a forma como a escola e a família encaram e desenvolvem essa missão comum” (p. 147), fomentando a colaboração entre as duas entidades através de “estratégias adequadas e significativas para as famílias, chamá-las à escola, no sentido do desenvolvimento de relações positivas entre estas duas instituições às quais cabe a partilha de responsabilidades na educação e formação das crianças e jovens” (idem, p. 147).

A legislação vigente realça a importância atribuída ao papel da Escola na relação escola-família, no entanto, muitas vezes, as práticas não correspondem à teoria, devendo, professores/as e educadores/as, fomentar práticas que incentivem, em particular, o respeito pelas diferenças culturais e promovendo o envolvimento das famílias nas atividades escolares.

4. O desenho infantil

Segundo Luquet (1969, citado por Bombonato, & Farago, 2016) o desenho é considerado “um jogo ao qual a criança se entrega, jogo tranquilo com função lúdica, que pode exercer sozinha, manter ou abandonar” (p. 181), o qual pode ser definido como sendo um “sistema de linhas cujo conjunto tem uma forma” (Luquet, 1987, p. 123).

Doron e Parot (2001) consideram o desenho como uma atividade gráfica espontânea na criança, combinando a expressão de si e a imitação do real. Podendo, também, o desenho ser considerado um modo de escrita para a criança.

Através do desenho, as crianças, como especifica Salvador (1988), comunicam, com e para alguém, expressando problemas, sentimentos, emoções, memórias e como refere Sarmento (2010, p. 33) é “uma outra forma de fazer de conta. Enquanto desenha, reitera as impressões que acaba de viver, recria e imita, brinca e simula; constrói as personagens e o ambiente, reinventa a realidade e traça-a no papel”.

O desenho é algo intrínseco da criança, a qual é a emissora, comunicando com os elementos em seu redor, expressando sentimentos ou imaginações, sendo necessário, para fazer a sua “leitura” e interpretação, questionar a criança sobre os elementos, bem como pelo modo como estão colocados, e, então, entender melhor a própria criança.

Neste sentido, Bédard (2005) apresenta quatro fases essenciais da evolução do desenho: dos dezoito meses aos dois anos de idade, a criança traça livremente e a coordenação é pouco desenvolvida; dos dois aos três anos, há um maior desenvolvimento de coordenação da mão e prefere experimentar diversos materiais riscadores; dos três aos quatro anos de idade, começa a dar expressão no desenho, explicando o que desenha; dos quatro aos cinco anos, a criança começa a transpor a realidade nos seus desenhos, essencialmente através da cor.

5. A diversidade familiar em contexto educativo: a apresentação de um estudo

5.1. Quadro metodológico

O presente estudo foi desenvolvido, durante as práticas educativas, em contexto de Jardim de Infância, com 17 crianças, 7 meninas e 10 meninos, entre os 3 e os 6 anos, e com uma turma de 1.º Ciclo do Ensino Básico com 25 crianças, 13 meninos e 12 meninas, entre os 6 e os 7 anos.

Este estudo teve como principais objetivos: identificar a diversidade de famílias em contexto escolar; caracterizar os tipos de famílias das crianças do contexto de estágio; compreender as perspetivas das crianças acerca das suas famílias.

Para recolher dados, no grupo JI e no grupo de 1.º CEB, as crianças elaboraram um desenho com elementos com quem conviviam diariamente, acompanhado de uma descrição oral do mesmo.

As crianças de JI elaboraram os seus desenhos pela técnica de pintura com lixívia em folhas de cor. Os desenhos do grupo de 1.º CEB foram realizados em folhas brancas tamanho A4, utilizando lápis de cor. No entanto, 9 crianças utilizaram, para além do lápis de cor, o lápis de cera e/ou marcadores.

As crianças, quer em JI quer em 1.º CEB, elaboraram os desenhos sem interferência de qualquer adulto, atividade que aceitaram com muito entusiasmo.

Às crianças do 1.º CEB foi-lhes, ainda, pedida a elaboração de um texto escrito para complementar as suas ideias sobre a estrutura familiar, tendo por base duas questões: O que é família? Como é a tua família e quem é?

As composições escritas foram sujeitas a análise de conteúdo (Bardin, 1977; Vala, 2003), tendo sido criadas categorias.

Os desenhos do grupo do 2º ano de 1.º CEB foram analisados segundo Bédard (2005) de modo a “captar de forma mais exacta as mensagens que a criança veicula” (p. 51) através de cada desenho. No entanto, os desenhos de JI, pela técnica de pintura utilizada (técnica de lixívia em folhas de cor) não correspondiam a todos os parâmetros de análise segundo Bédard (2005), por consequência, apenas foram utilizados para levantamento de dados relativos à tipologia familiar, número de irmãos e de elementos do agregado familiar.

5.2. Apresentação de dados

Os dados obtidos permitiram-nos caracterizar as famílias dos grupos de JI e 1.º CEB.

Relativamente à tipologia familiar, em JI, foi possível concluir que 1 família é caracterizada como sendo de prole extensa (desenhos de 2 irmãos), 2 famílias monoparentais, 10 famílias nucleares, 1 centro de acolhimento, 1 família monoparental e 1 família grávida. A criança que vive no centro de acolhimento, devido às características, não possuía dados para caracterizar o agregado familiar.

Tendo em linha de conta a classificação de famílias, no grupo de 1.º CEB, destacaram-se as famílias nucleares correspondendo a 14, seguida da família com prole extensa correspondendo a 5, 3 famílias monoparentais, 1 família adotiva, 1 família acordeão e, por fim, 1 família recomposta.

No que respeita ao número de elementos do agregado de família em JI, verificou-se que 10 famílias tinham 4 elementos, havia 3 famílias com 3 elementos no agregado, 1 família com 7 elementos no agregado (desenhos de 2 irmãos) e, por fim, 1 família com 2 elementos no agregado.

Quanto aos elementos do agregado familiar, em 1.º CEB, destacaram-se 12 famílias com 4 elementos do agregado, 8 famílias com 3 elementos, 3 famílias com 5 elementos e 2 famílias com 6 elementos.

No que diz respeito ao número de irmãos, no grupo de JI, havia 6 crianças que não tinham irmãos, 7 crianças com 1 irmão, 2 crianças com 2 irmãos e, por fim, 2 crianças com 4 irmãos. A criança do centro de acolhimento não identificou, no seu desenho, irmãos, e, não havendo informação, foi incluída no grupo sem irmãos.

No que concerne ao 1.º CEB, constatou-se que 16 crianças tinham 1 irmão, 3 crianças com 0 irmãos, 3 crianças com 2 irmãos e, por fim, 3 crianças com 3 irmãos.

5.2.1. O olhar das crianças sobre a sua própria família

Os desenhos feitos pelas crianças permitiram compreender o que elas pensam sobre as próprias famílias, daí que se tenha considerado pertinente integrá-los em apêndice (A) para ilustrar os resultados apurados.

5.2.1.1. O que disseram os desenhos

“O desenho representa em parte o consciente, mas também, e o mais importante ainda o inconsciente. É a simbologia e as mensagens que estão ligadas ao desenho que nos interessam e não a estética deste” (Bédard, 2005, p. 8).

Ao desenhar, a criança pode utilizar a folha no sentido que entender. Do grupo em análise, 23 crianças desenharam no sentido horizontal e, as restantes 2 crianças desenharam no sentido vertical da folha.

No que respeita ao espaço da folha, 4 crianças utilizaram a parte inferior da folha o que, segundo Bédard (2005), significa “as necessidades físicas e materiais que a criança pode ter” (p. 15); 3 crianças, utilizaram o lado esquerdo da folha, o que poderá significar que estas crianças estão mais “direcionadas para o passado” (idem, p.15), não vivendo o momento atual; 3 crianças desenharam no lado direito da folha, o que poderá indicar expectativas

para o futuro; 15 crianças efetuaram o desenho no centro da folha, o que, segundo Bédard (2005), indica que são crianças disponíveis para o momento presente e para o que está à sua volta.

Quando uma criança desenha, pode representar vários temas conforme as suas vivências pessoais e “os seus estados de alma” (idem, p. 23).

No estudo desenvolvido, o tema do desenho foi direcionado, uma vez que foi pedido às crianças que desenhassem as suas próprias famílias, no sentido de se perceber a ideia de cada uma delas sobre o seu agregado. Neste contexto, verificou-se que 8 crianças desenharam 3 elementos, sendo que 4 representaram o pai, a mãe e a si mesmo/a (figura 4, figura 21, figura 23, figura 24); 2 a mãe, a irmã e a si mesmo/a (figura 13 e figura 19); e outros 2 a mãe, o irmão e ele/a (figura 5 e figura 16); 12 crianças representaram 4 elementos integrando pai, mãe, a si mesmo/a e irmão/irmã (figura 2, figura 3, figura 7, figura 8, figura 9, figura 10, figura 12, figura 15, figura 18, figura 20, figura 22 e figura 25) ; 3 crianças ilustraram 5 elementos representando o pai, mãe, a criança e os/as seus/suas irmãos/irmãs (figura 6, figura 11 e figura 14); 2 crianças apresentaram a sua família com 6 elementos: pai, mãe, criança e os/as seus/suas irmãos/irmãs (figura 1 e figura 17).

Através da conversa informal, foi possível compreender que uma criança não desenhou o seu irmão; outra criança, desenhou só a irmã com quem partilha a casa, mas referiu, na conversa, os restantes irmãos com quem não partilha a sua casa.

Além do desenho dos elementos da família, várias crianças integraram outros elementos, tais como: o cão, no desenho de 2 crianças; peixe, tartaruga e papagaio, no desenho de 1 criança.

Vários elementos da natureza foram, também, representados nos desenhos, como por exemplo, o sol, as nuvens, árvores e flores. No caso do sol, encontrando-se à direita no desenho de 6 crianças, indica, segundo Bédard (2005), que são mais ligadas ao pai; 1 criança desenhou-o na zona central da folha demonstrando a importância que dá a si própria e a responsabilidade que atribui a si mesma (Bédard, 2005); 4 crianças acrescentaram nuvens, o que permite inferir que estas crianças são sensíveis “à atmosfera parental ou social” e sabem que os seus dias podem variar entre momentos positivos e menos positivos (idem, p. 43); 1 criança acrescentou flores, depreendendo-se que necessita de agradecer; 1 criança desenhou árvores, as quais podem mostrar diferentes atitudes e

emoções conforme o seu tamanho e o espaço que ocupam na folha; 5 crianças desenharam, para além da sua família, a própria casa que representa as emoções vividas “do ponto de vista social” (idem, p. 35), sendo que, dois desenhos fizeram uso da transparência, mostrando o interior da casa; 2 crianças desenharam a família à frente da mesma e, uma criança desenhou a família enquadrada por um retângulo; 3 crianças que representaram outros elementos, tais como corações e brinquedos favoritos.

Na representação humana, um ponto de destaque é a posição dos braços com que as personagens aparecem. Quando estão na horizontal indicam a necessidade de interação com os outros, ao contrário do que acontece se os braços aparecem no comprimento do corpo, tal como refere Bédard (2005) indica que a criança não quer contacto social.

5.2.1.2. O que disseram as composições

Para melhor entender as ideias sobre a estrutura familiar, as crianças do 1.º CEB elaboraram uma composição escrita onde tinham de responder a duas questões: O que é família? Como é a tua família e quem é?

Para a análise da composição escrita procedeu-se à análise de conteúdo. Vala (2003) considera a análise de conteúdo uma técnica de tratamento e não um método, sendo a sua principal finalidade realizar deduções, produzindo, desde modo, um “novo discurso” (p. 104).

Após a leitura e interpretação das composições, foi possível categorizar as ideias das crianças sobre a família, as quais foram organizadas em seis categorias:

Convívio social: considerando os textos elaborados pelas crianças, verificou-se que viam a família como promotora de convívio social, integrando a interação e o brincar, dando-lhe o carácter de grupo social; *Satisfação Pessoal*: constatou-se que as crianças destacavam aspetos de satisfação pessoal pelo facto de receberem bens materiais, evidentes em palavras como: dar, receber, objetos, satisfação de vontades; *Emoções*: os textos permitiram-nos aferir que a família era vista pelas crianças como promotora de emoções, sendo que, na sua maioria, são emoções positivas, ainda que tenha havido crianças que referiram aspetos negativos, manifestando receio de que surgissem situações menos boas; *Laços de parentesco*: as crianças identificaram a família através dos laços de parentesco, abrangendo a família alargada; *Formas de relacionamentos*: a análise dos textos escritos revelou que as crianças sentiam que na sua família havia efetivas formas de relacionamento, através da afetividade e apoio; *Responsabilidade*: uma criança considerou

a sua família como promotora de responsabilidade, de hábitos familiares, indo ao encontro do que Gimeno (2001) defende, ou seja, a família é “o espaço-chave para a configuração da própria identidade”. Um local onde se moldam identidades, transmitem-se conhecimentos que vão além de informação, onde se desenvolvem ideais, valores e regras que entrelaçam “o cognitivo com o emocional” (p. 24).

5.3. Discussão dos dados

Uma das finalidades do trabalho realizado era tentar compreender de que modo a Escola aceita a diversidade. No entanto, reconheceu-se que só um estudo mais abrangente e mais aprofundado poderia permitir tirar conclusões. Assim, os dados apurados cingiram-se à caracterização das famílias das crianças do JI e do 1.º CEB e à forma como estas crianças viam as suas famílias.

Com os resultados obtidos, foi possível verificar que as famílias das crianças participantes no estudo não eram exclusivamente nucleares, mas foi a que se apresentou em maior número, ainda que tenham sido encontradas famílias monoparentais; de prole extensa – com, pelo menos, 5 elementos familiares; família adotiva; grávida; centro de acolhimento e recomposta.

Independentemente da tipologia familiar, as crianças viam a sua família, tendo por base os elementos que a integravam e com quem tinham laços, podendo ser “o pai, a mãe, o mano e eu” ou “sou eu, a mãe, a namorada da mãe, e a C.”, referindo-se à sua família como sendo, não só as pessoas com quem partilhavam a casa, mas a família próxima e a alargada, falando nos avós, tios/tias, primos/primas, encarando-a como um espaço onde se privilegiava o convívio social, a interação e o brincar.

Outro ponto de destaque, no respeitante à análise dos desenhos, foi a representação de animais de estimação, tendo três crianças, no grupo de 1.º CEB, desenhado animais integrando-os como elementos da família.

Para as crianças do estudo, a família não só educa, como dá resposta às suas necessidades e promove a independência, cultivando a responsabilidade em cada indivíduo afirmando a importância da família nas suas vidas, sentindo-a como algo positivo - “a minha família é boa”, “quando estou com a minha família sinto-me feliz”, “é muito importante”, “apesar de não ter nascido nesta família, gosto dela”.

6. Considerações Finais

A família é um conceito que, na sua definição, tem sido alterado no tempo e no espaço devido às mudanças que ocorrem na sociedade, mas, apesar das transformações, é-lhe intrínseca a função de moldar identidade, de formar, de cuidar, de transmitir valores, cultura e informação (Gimeno, 2001).

Por seu lado, os/as professores/as e educadores/as, de acordo com o DL n.º 240/2001 e o DL n.º 241/2001 devem promover a qualidade do processo educativo, focando-se no bem-estar das crianças, no desenvolvimento da identidade e respeitar a individualidade, em todas as situações.

A nossa experiência pessoal, ao longo dos anos, tem permitido observar que nem sempre se respeita, nos contextos educativos, a individualidade de cada um, nem a diversidade cultural e/ou familiar é tida em conta na concretização de atividades educativas.

Apesar da LBSE de 1986, na alínea d) do seu artigo 3º, defender que a escola deve garantir o direito à diferença, respeitando a personalidade e o projeto de cada um e salvaguardando a preservação dos diferentes valores culturais, as práticas educativas parecem estar “formatadas” e “automatizadas”, esquecendo a realidade vivenciada pela criança.

Quando uma criança não vive com o pai ou com a mãe, quando não conhece o seu pai, quando conhece, mas não o/a vê há anos ou vive num centro de acolhimento, qual a sua motivação para celebrar esse dia? Para o festejar? Para criar uma prenda? A quem oferecer? Cabe, então, à entidade escolar criar alternativas que vão ao encontro de cada criança.

Por outro lado, durante o percurso investigativo foi constatado que documentos oficiais, projetos, decretos-leis, referem-se, na sua larga maioria, “aos pais” e não “família”, como a Lei Quadro n.º 5/97, da Educação Pré-Escolar, no capítulo III, art. 4, no respeitante à participação da família, refere: “No âmbito da educação pré-escolar, cabe, designadamente, aos pais e encarregados de educação” (p. 671).

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (M.E., 1997; M.E., 2016) apresentam uma evolução quanto ao discurso relativo a pais/família, ou seja, no documento de 1997 é realçado simplesmente o papel dos pais, já no de 2016 pode ler-se pais/famílias.

Atualmente, existem as mais diversas tipologias familiares, pelo que se considera que poderia ser mais adequado uniformizar, em contexto educativo, o discurso, usando o termo “famílias” em lugar de “pais”, visto que o termo “família” é mais abrangente.

Como se constatou pela análise dos dados obtidos, as crianças que fizeram parte do estudo (JI e 1.º CEB), consideravam as respetivas famílias pelos elementos do seu agregado e com quem estabeleciam laços, independentemente dos laços de parentesco, sendo de salientar que a família é o espaço onde convivem, interagem e brincam.

Nesta perspetiva, professores/as e educadores/as, devem estar atentos/as às novas realidades aceitando e respeitando as diferenças, tendo em conta o bem-estar das crianças, sendo que os contextos educativos deverão ser espaços de efetivo diálogo, fomentando práticas conducentes a uma concreta diversidade cultural, através de uma verdadeira parceria entre Famílias e Escola.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bédard, N. (2005). *Como interpretar os desenhos das crianças*. (C. A. Santos, Trad.) Mem Martins: Edições CETOP.
- Bombonato, G.A., & Farago, A.C. (2016). As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos – (The children's drawing steps by the contemporary authors). In *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 3 (1): 171-195, 2016.
- Caníço, H., Bairrada, P., Rodríguez, E., & Carvalho, A. (2010). *Novos tipos de família - plano de cuidados*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
https://www.researchgate.net/publication/295704260_Novos_tipos_de_familia_-_plano_de_cuidados
- Cardoso, J. B. (2016). *O desafio dos profissionais de educação nos dias de hoje - as implicações das mudanças familiares*. Lisboa: Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Educação e Ciências.
<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/20624>
- Delgado, P. (2016). *Estrutura, estratégias e representações sociais da família em Portugal*. Lisboa: Edições Piaget.
- Doron, R., & Parot, F. (2001). *Dicionário de psicologia*. Lisboa: Climepsi.
- Faria, A. (2011). *As novas famílias do século XXI*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Gazeneuve, J.; Victoroff, D. (dir). (1982). *Dicionário de sociologia*. Lisboa: Verbo.
- Giddens, A. (2013). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gimeno, A. (2001). *A Família: o desafio da diversidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gomes-Pedro, J., Nugent, J. K., Young, J. G. & Brazelton, T. B. (2005). *A criança e a família no século XXI*. Lisboa: Dinalivro.
- Leandro, M. E. (2001). *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Luquet, G. H. (1987). *O desenho infantil*. Porto: Civilização.
- Marques, R. (1993, janeiro a abril). As transformações na estrutura da família: a resposta da escola cultural. *Ler educação – revista da escola superior de educação de Beja*. 10, 15-20.
- M.E. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- M.E. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Oliveira, J. H. (2002). *Psicologia da família*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Salvador, A. (1988). *Conhecer a criança através do desenho*. Porto: Porto Editora.
- Saraceno, C. (1992). *Sociologia da família*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Sarmiento, M. J. (2010). *Desenho infantil: modos de interpretação do mundo e simbolização do real - um estudo em sociologia da infância*. Braga: Universidade do Minho.
- Soares, J. G. (2014, junho). A família do Pedro (breve crónica sobre a evolução do conceito de família). *Família e Trabalho in Dirigir Formar*. 7, 15-20.
- Sousa, M. M., & Sarmiento, T. (2010). *Escola – família - comunidade: uma relação para o sucesso educativo*. Obtido de ResearchGate: https://www.researchgate.net/publication/277226378_Escola_-_familia_-_comunidade_uma_relacao_para_o_sucesso_educativo
- Vala, J. (2003). A análise de conteúdo. In S. A. Silva, & J. M. Pinto, *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 100-128). Porto: Edições Afrontamento.

Legislação

- Decreto Lei n.º 240/01, de 30 de agosto. *Diário da República n.º 201/01– I – A Série*. Assembleia da República.
- Decreto Lei n.º 241/01, de 30 de agosto. *Diário da República n.º 201/01– I – A Série*. Assembleia da República.
- Lei de Bases do Sistema Educativo n.º 46/86, de 14 de outubro. *Diário da República n.º 237 – I Série*. Assembleia da República.
- Lei Quadro da Educação Pré-Escolar n.º 5/97, de 10 de fevereiro. *Diário da República n.º 34 – I Série A*. Assembleia da República.

Apêndice A – Desenhos dos/as alunos/as de 1.º CEB



Descrição do desenho:

“D., M. irmão, J. irmão, J. pai, C. mãe, T. irmão. Estamos todos por alturas. Estamos dentro de nossa casa.”
Então e as outras pessoas não têm cabelo?
Porquê?
“Não me apeteceu fazer mais”

Figura 1 Desenho da criança 1 em 1.º CEB



Descrição do desenho:

“é a mãe, o pai, eu e a minha irmã”

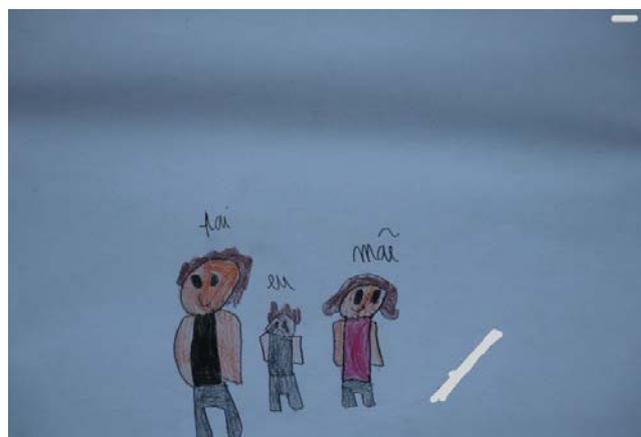
Figura 2 Desenho da criança 2 em 1.º CEB



Descrição do desenho:

“G., a mãe L., o E., e o pai A. Ele é camionista, anda sempre a viajar”

Figura 3 Desenho da criança 3 em 1.º CEB



Descrição do desenho:

“pai, eu e a mãe.” “mas não tens um mano?”
“tenho mas ele é chato e não quis desenhá-lo”;

Figura 4 Desenho da criança 4 em 1.º CEB



Descrição do desenho:

“H., eu; G., o meu irmão; P., a mãe” “o pai mora noutra casa e, eu e o mano, às vezes vamos lá dormir”

Figura 5 Desenho da criança 5 em 1.º CEB



Descrição da criança:

“É o pai, a mãe, M., a mana, I., eu, e o R., o mano mais pequeno”

Figura 6 Desenho da criança 6 em 1.º CEB



Descrição da criança:

“Mãe, a S., R., o meu irmão, eu, a I., e o pai, D.”

Figura 7 Desenho da criança 7 em 1.º CEB



Descrição da criança:

“é o pai R., a irmã M, irmã e filha J., e a mãe R.” “e vocês estão onde?” “estamos à frente do nosso prédio.” “e tu a mana, dão-se bem?” “sim, às vezes, ela é um bocadinho chata, é bebé”

Figura 8 Desenho da criança 8 em 1.º CEB



Descrição da criança: “o mano P., eu, a mãe P., e o pai C”

Figura 9 Desenho da criança 9 em 1.º CEB



Descrição da criança: “é a minha irmã, eu, o pai e a mãe”

Figura 10 Desenho da criança 10 em 1.º CEB



Descrição da criança: “o D. o pai, a S. a mãe, o B, eu e a D.” “vocês são muitos! Como é viver lá em casa?” “é giro, brincamos muito. A mana faz muito barulho!”

Figura 11 Desenho da criança 11 em 1.º CEB



Descrição da criança: “eu, a mana C, o pai P., e a mãe A”

Figura 12 Desenho da criança 12 em 1.º CEB



Descrição da criança: “é a mãe, a mana e eu” “Então, L.? não falta ninguém?” “não, o pai já não mora na nossa casa” “E como te sentes?” “bem, apesar de não ter nascido nesta família, estou bem, tenho a mana e a mãe. A avó também está connosco às vezes.” “Ainda bem! Então e onde vocês estão?” “estamos na nossa casa, é alta!”

Figura 13 Desenho da criança 13 em 1.º CEB



Descrição da criança: “é a mãe, o pai, a mana, o mano e eu”

Figura 14 Desenho da criança 14 em 1.º CEB



Descrição da criança:

“é o mano F, o pai D, eu e a mãe C.”

Figura 15 Desenho da criança 15 em 1.º CEB



Descrição da criança: “sou eu, a M., o mano e a mãe” “e o pai, M, tens estado com ele?” “às vezes, é aos fins de semana”

Figura 16 Desenho da criança 16 em 1.º CEB



Descrição da criança: “A mãe, o pai, o F, a L, a M. e eu” “M, como é viver com tanta gente em casa?” “é giro, é muita gente. Temos muitas responsabilidades! Estamos é poucas vezes juntos com os tios e os primos, eles moram noutra cidade”

Figura 17 Desenho da criança 17 em 1.º CEB



Descrição da criança: “é a mãe, eu, o pai e a mana” “e onde vocês estão?” “estamos no 2º andar da nossa casa.”

Figura 18 Desenho da criança 18 em 1.º CEB



Descrição da criança:

“é a minha irmã M., eu e a H. a mãe” “M., e como te sentes em relação ao pai?” “Melhor, já me habituei.” “mas tens estado com ele?” “às vezes vou passar os fins de semana com o pai. A mana é que já não quer ir tantas vezes, ela é mais velha”.

Figura 19 Desenho da criança 19 em 1.º CEB



Descrição da criança:

“é a mãe, o pai, eu, o meu irmão mais novo”

Figura 20 Desenho da criança 20 em 1.º CEB



Descrição da criança: “Este é o meu cão Oscar, o pai, eu e a mãe”

Figura 21 Desenho da criança 21 em 1.º CEB



Descrição da criança: “é o pai, a mãe, eu, a mana e o nosso cão” “e tu e mana dão-se bem?” “sim, ela é muito mais crescida [20] mas gosta de mim. Também tenho outro mano mas não estou com ele, só no verão, e a outra mana mora na Alemanha”

Figura 22 Desenho da criança 22 em 1.º CEB



Descrição da criança: “é a R., eu e o papá”

Figura 23 Desenho da criança 23 em 1.º CEB



Descrição da criança: “é o pai, eu e a mãe”

Figura 24 Desenho da criança 24 em 1.º CEB



Descrição da criança: “é a mãe, o pai, a mana A., e eu”

Figura 25 Análise do desenho da criança 25 em 1.º CEB